



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE EXCELÊNCIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM/
FISIOTERAPIA/PSICOLOGIA
UNIDADE DE ENSINO: VITÓRIA DA CONQUISTA**

**DANIEL VIANA FLORES
NALDIRENE SOUSA CRUZ
YHANNA SOUZA OLIVEIRA**

**VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO BRASIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA
A MULHER: uma revisão integrativa**

**VITÓRIA DA CONQUISTA
2023**

**DANIEL VIANA FLORES
NALDIRENE SOUSA CRUZ
YHANNA SOUZA OLIVEIRA**

**VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO BRASIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA
A MULHER: uma revisão integrativa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Excelência, Unidade Vitória da Conquista, como requisito obrigatório para obtenção título de Bacharel em Enfermagem, Fisioterapia e Psicologia.

Orientadora: Grazielle Prates Lourenço dos Santos Bittencourt

**VITÓRIA DA CONQUISTA
2023**

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO BRASIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A MULHER: uma revisão integrativa

Daniel Viana Flores¹

Naldirene Sousa Cruz²

Yhanna Souza Oliveira³

Grazielle Prates Lourenço dos Santos Bittencourt⁴

RESUMO

Introdução: A violência obstétrica são todos os atos de desrespeito, negligência e desinformação com mulheres gestantes ou em trabalho de parto, causados por profissionais de assistência gestacional. Este tipo de violência gera consequências físicas e emocionais na vida das vítimas. **Objetivo:** O objetivo desta revisão integrativa é reunir e discutir o conhecimento atual sobre os efeitos da violência obstétrica na vida das mulheres. **Metodologia:** Para a realização da revisão, foi realizado o levantamento bibliográfico nos bancos de dados: *SciELO*, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Periódicos CAPES. Foram encontrados 55 artigos nestas plataformas. Através dos critérios de inclusão e exclusão, 6 artigos foram selecionados para a revisão. **Resultados:** A literatura sobre violência obstétrica e suas consequências abordam três pontos relevantes: (i) como a falta de definição sobre violência obstétrica, dificulta o discernimento entre rotina e violência, (ii) a depressão e a desconfiança como consequências emocionais e (iii) as dores e a falta de mobilidade como consequências físicas, causadas por intervenções desnecessárias. **Considerações Finais:** Para evitar a violência obstétrica, os profissionais de saúde devem ser reeducados para o atendimento justo e humanizado, também devem ser estimulados a produzir projetos informativos para gestantes e os acompanhantes sobre a violência obstétrica para que as vítimas possam impedir, intervir e denunciar atos de desrespeitosos e prejudiciais.

Palavras-chave: violência obstétrica, saúde da mulher, trabalho de parto

¹ Discente do curso de Enfermagem do Centro Universitário UniFTC de Vitória da Conquista (UniFTC/VCA), e-mail: daniel.enf23@gmail.com. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

² Discente do curso de Fisioterapia do Centro Universitário UniFTC de Vitória da Conquista (UniFTC/VCA), e-mail: naldirenecruz5@gmail.com. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

³ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário UniFTC de Vitória da Conquista (UniFTC/VCA), e-mail: yhanna9800@gmail.com. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

⁴ Professora Orientadora do do Centro Universitário UniFTC de Vitória da Conquista (UniFTC/VCA), Nutricionista, e-mail: glsantos.vic@ftc.edu.br. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

OBSTETRIC VIOLENCE IN BRAZIL AND ITS CONSEQUENCES FOR WOMEN: an integrative review

ABSTRACT

Introduction: Obstetric violence comprises all acts of disrespect, negligence, and misinformation directed at pregnant women or those in labor, perpetrated by professionals providing gestational care. This type of violence leads to physical and emotional consequences in the lives of the victims. **Objective:** The aim of this integrative review is to gather and discuss current knowledge concerning the effects of obstetric violence on women's lives. **Methodology:** To conduct this review, a bibliographic search was performed in databases such as SciELO, the Virtual Health Library (BVS), and CAPES Journals. A total of 55 articles were found on these platforms. Through inclusion and exclusion criteria, 6 articles were selected for the review. **Results:** The literature on obstetric violence and its consequences addresses three relevant points: (i) how the lack of definition regarding obstetric violence complicates the differentiation between routine procedures and violence, (ii) depression, neglect, and distrust as emotional consequences, and (iii) pain and lack of mobility as physical consequences resulting from unnecessary interventions. **Final Considerations:** To prevent obstetric violence, healthcare professionals should be reeducated to provide fair and humane care. Additionally, they should be encouraged to create informative projects for pregnant women and their companions regarding obstetric violence so that victims can prevent, intervene, and report disrespectful and harmful acts.

Keywords: obstetric violence, women's health, labor

1. INTRODUÇÃO

O termo violência obstétrica, originado em meados dos anos 2000, se refere a quaisquer ações ou omissões por parte de profissionais de saúde que causem dano físico, emocional ou psicológico à mulher grávida ou ao recém-nascido durante o processo de atendimento obstétrico. Os procedimentos podem incluir violência física (agressão ou restrição de movimentos), violência sexual (estupro e abuso sexual), violência verbal (julgamentos, gritos e ameaças), discriminação (racial, de gênero, idade e por classe social), intervenções desnecessárias (cesáreas, episiotomia), negligência (falta de recursos materiais, de profissionais e de estrutura) e falta de informação adequada (falta de cuidados adequados e a perda de autonomia). As formas de violência podem mudar conforme o contexto socioeconômico da gestante (Leite et al., 2022).

Descrever e estimar a violência obstétrica no mundo, se torna difícil por fatores como as diferentes definições dos atos de violência obstétrica de cada país e a discordância do termo “violência obstétrica” (Lukasse et al., 2015). Entretanto, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência obstétrica é um problema de saúde pública (Katz et al., 2020). Na Europa, o estudo realizado por Lukasse et al. (2015) em seis países encontrou 20% de relatos de parto com violência obstétrica. Na América Latina, o estudo de revisão sistemática de Tobasía-Hege et al. (2019), encontrou a prevalência de violência obstétrica em 39% dos relatos. No Brasil, o último inquérito nacional sobre parto foi realizado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a pesquisa “Nascer no Brasil”, trouxe frequência de 45% de violência obstétrica (Leal et al., 2014).

Através da pesquisa “Nascer no Brasil”, realizada entre 2011 e 2012, foram relatadas diversas formas de violência obstétrica em hospitais públicos, privados e conveniados ao SUS (Sistema Único de Saúde). As estimativas das formas de violência obstétrica relatadas no trabalho de parto foram o uso de ocitocina e amniotomia (40%), a posição de litotomia (92%), a manobra de Kristeller (37%) e a episiotomia (56%). Outro dado observado foi a ocorrência do parto cesáreo em 51,9%, sendo superior a taxa de 10 a 15% recomendado

pela OMS, que indica taxas maiores não trazem benefícios para a saúde da mulher e do bebê (Leal et al., 2014).

O excesso de intervenções no trabalho de parto e no parto, como cesáreas desnecessárias, episiotomias, e os maus tratos verbais e físicos têm sido associados a problemas de amplo espectro na saúde física e psicológica das mulheres (Kopereck et al., 2018). No estudo de Rocha e Grisi (2017), entre mulheres que relataram passar por violência obstétrica, 60% apresentaram sinais depressivos no pós parto. Beleza et al. (2012) realizaram um estudo, no qual 82% das mulheres submetidas a episiotomia relataram dor perineal até dois meses após a sua realização. Leal et al. (2014) avaliaram a consequência da episiotomia nas puérperas, mencionando que todas as mulheres entrevistadas relataram vergonha no momento da relação sexual.

Para a mitigação da ocorrência de violência doméstica é necessário informar os profissionais sobre a definição e as ações consideradas violência obstétrica (Marques e Nascimento, 2019). Ao realizar esta revisão integrativa, o objetivo é reunir o conhecimento dos últimos anos sobre as consequências causadas pela violência obstétrica na saúde da mulher, sejam físicas ou emocionais.

2. METODOLOGIA

2.1 TIPO DE ESTUDO

O presente trabalho segue a metodologia de revisão integrativa descrita por Souza, Silva e Carvalho (2010). Para este tipo de pesquisa os dados são originados do levantamento de fontes secundárias, sendo realizada a análise crítica das publicações relevantes e atuais sobre um determinado tema (Souza, Silva e Carvalho, 2010).

As etapas da metodologia de uma revisão integrativa consistem em: elaborar a pergunta norteadora, estabelecer os critérios de inclusão e exclusão do estudo, coletar os dados, analisar os estudos selecionados, interpretar os resultados e sintetizar e revisar os estudos encontrados (Sousa et al., 2020).

2.2. IDENTIFICAÇÃO DAS FONTES

Os termos relacionados ao presente trabalho foram selecionados e pesquisados na plataforma de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), para constatar a indexação do termo. Através desta etapa, as palavras-chave obtidas para o presente estudo foram “violência obstétrica”, “saúde da mulher” e “trabalho de parto”.

2.3. LOCALIZAÇÃO DAS FONTES

Os descritores selecionados foram pesquisados nas bases de dados *SciELO*, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Periódicos CAPES. O cruzamento ocorreu utilizando o boleanador “AND” para que ambos os termos fossem encontrados em cada artigo.

Foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão. Neste estudo foram incluídos artigos em Português, disponíveis em plataformas gratuitas e publicados entre 2019 e 2023, delimitando artigos publicados nos últimos 5 anos. Para o critério de exclusão, foram removidas publicações como

monografias, dissertações e tese, artigos duplicados, publicações em idiomas estrangeiros e estudos internacionais.

2.4.SISTEMA DE BUSCAS

Através do cruzamento das palavras-chave nas bases de dados e do estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão descritos anteriormente, foram encontrados 55 artigos em todas as bases de dados escolhidas, sendo 6 no *SciELO*, 33 na BVS e 6 no Periódicos CAPES. Após a leitura parcial ou completa dos artigos foram excluídos 49 artigos, permanecendo 6 estudos para posterior discussão (Figura 1).

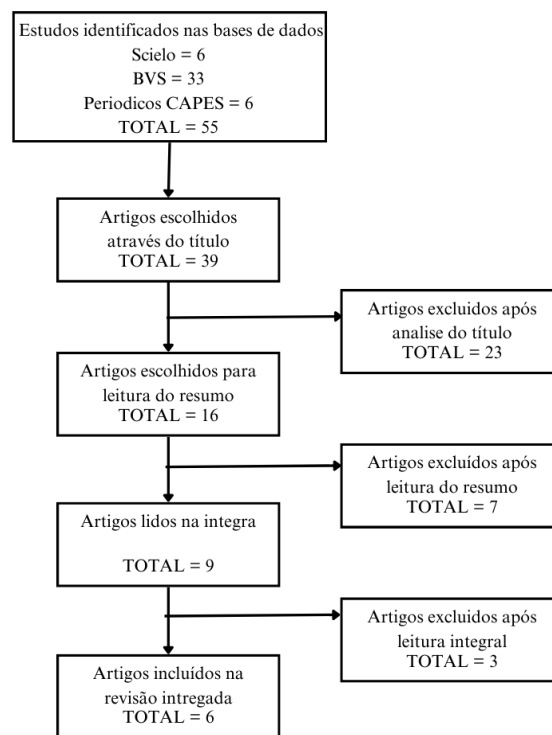


Figura 1. Fluxograma de artigos selecionados para a revisão integrativa. Vitória da Conquista, 2023.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados 6 artigos (Quadro 1) que abordaram a temática violência obstétrica através de relatos colhidos de mulheres que gestaram ou estão gestantes e dos profissionais associados ao atendimento destas mulheres. Estes estudos abordaram de forma multiprofissional as dificuldades e as consequências físicas e emocionais de atos violentos na vida da mulher.

Quadro 1. Artigos científicos selecionados nas bases de dados SciELO e Biblioteca virtual de saúde e periódicos da CAPES para revisão integrativa. Vitória da Conquista, BA, 2023.

Título	Autores	País/ Ano	Periódico	Tipo de estudo	Principais conclusões
Violência Obstétrica e Trauma no Parto: O Relato das Mães	Matos, Magalhães e Féres-Carneiro	2021	Psicologia: Ciência e Profissão	Qualitativo	Os relatos narraram situações de desamparo, falas desrespeitosas por parte da equipe e práticas rotineiras extremamente invasivas e sem comunicação prévia com a parturiente, além do descumprimento da lei do acompanhante. A violência obstétrica se constitui como experiência traumática de parto por conta da confirmação de angústias e ansiedades primitivas pelo ambiente, como as ansiedades de esvaziamento, perda, castração, punição pela sexualidade e exposição ao desconhecido, além das angústias de aniquilamento e de separação.
Mulher e Parto: Significados da Violência Obstétrica e a Abordagem de Enfermagem	Oliveira et al.	2020	Revista enfermagem	Qualitativo	Evidenciou-se a necessidade de um fortalecimento da consulta de pré-natal proporcionada pelo enfermeiro, abordando temas diversos e reflexivos, e ofertando uma saúde integral de qualidade, curativa e preventiva.

Violência obstétrica à luz da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural	Melo et al.	2022	Revista Cuidarte	Qualitativa	A violência obstétrica aconteceu por meio do caráter sexual, físico, psicológico e institucional, tornando o ato de parir algo temeroso, resultante do medo, falhas na comunicação e cuidado fragilizado.
Análise das denúncias de violência obstétrica registradas no Ministério Público Federal do Amazonas, Brasil	Martins et al.	2022	Cadernos Saúde Coletiva	Quantitativo	O estudo permitiu concluir, com base nas denúncias sobre violência obstétrica, que sua existência ocorre nas duas instâncias de atenção (pública e privada), sendo prevalente na rede pública, e realizada por profissionais médicos e enfermeiros, sem especialidade identificada. A maioria das mulheres denunciaram em conjunto com um movimento social, e evidenciaram a violência obstétrica principalmente pelo comportamento e a forma de atuação dos profissionais que prestam serviço às unidades de saúde, e não diretamente à estrutura física do local, o que não exclui a violência institucional.
Repercussões físicas e psicológicas na vida de mulheres que sofreram violência obstétrica	Pontes et al.	2021	Revista Científica de Enfermagem	Qualitativa	As repercussões físicas foram a incontinência urinária e dificuldade no retorno à vida sexual. As repercussões psicológicas foram estresse pós-traumático, dificuldades na relação mãe e filho e formação do vínculo materno, dificuldades na amamentação. Evidencia-se a

					necessidade de qualificar os profissionais de saúde que assistem mulheres durante o parto, com subsídios das evidências científicas.
Pertencimentos sociais e vulnerabilidades em experiências de parto e gestação.	Dalenogare et al.	2022	Cadernos Saúde Coletiva	Qualitativa	A violência obstétrica ocorreu tanto em instituições públicas como em privadas; por diferentes profissionais de saúde, com destaque para médicos e enfermeiros; com diversas técnicas, ações e/ou atitudes, com destaque para aquelas que se situam no campo da relação profissional-usuário. Desse modo, identificou-se que as denúncias realizadas não se remetem apenas à categoria de violência institucional, abrangendo práticas de violência no âmbito da relação profissional-usuário.

Através da leitura dos artigos selecionados nesta revisão integrativa, foi possível identificar três pontos relevantes sobre a violência obstétrica: Definição de violência obstétrica; Consequências emocionais da violência obstétrica e; Consequências físicas da violência obstétrica.

3.1 DEFINIÇÃO DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Ainda que o desrespeito durante o parto seja uma prática antiga e corriqueira em hospitais e clínicas há muito tempo, o termo violência obstétrica foi adotado recentemente. Entretanto, sendo um termo recente e pouco abordado entre as gestantes, ocorre a dificuldade em listar quais as ações são consideradas violência obstétrica, como consequência dificulta a identificação e as denúncias (Leite e Souza, 2019). Durante a revisão, a definição mais adotada por entre os autores segue a Organização Mundial de Saúde (OMS), na qual a violência obstétrica são todos os atos de abusos, desrespeito, maus-tratos e negligência durante a assistência ao parto nas instituições de saúde que impeçam a autonomia da gestante (Martins et al., 2022).

Freitas e Aragão (2021), relatam em seu artigo que apenas 16% das mulheres entrevistadas sabiam caracterizar e identificar a violência obstétrica. Neste mesmo estudo, após os pesquisadores descreverem este tipo de violência, 58% das mulheres se identificaram como vítimas de violência no parto. A falta de conhecimento sobre a violência obstétrica, principalmente entre as mulheres de baixa renda, dificulta a identificação no momento da violência e impede que denúncias sejam feitas quanto aos atos de desrespeito dos profissionais de saúde, permitindo que estes repitam estes atos com outras mulheres (Lima e Albuquerque, 2019).

No estudo de Medeiros e Nascimento (2022), 8 entre 12 mulheres não tinham conhecimento sobre a violência obstétrica, sendo associada a desinformação e negligência por parte dos profissionais de saúde. A desinformação e a negligência são atitudes de rotina adotadas por alguns profissionais, fazendo com que a mulher imagine que os procedimentos realizados se configurem como rotina, ocasionando a sensação de objetificação e a falta de protagonismo durante o próprio parto. Tais atitudes levam a consequências físicas e emocionais que afetam a vida após o parto (Oliveira et al., 2017).

3.2 CONSEQUÊNCIAS EMOCIONAIS DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

A saúde emocional e mental tem sido abordada com frequência na atualidade, sendo este um dos pontos importantes da violência obstétrica e suas consequências na vida da mulher. A violência emocional durante a gestação é ocasionada por discriminação, ameaças, culpabilização, humilhação, negligência e restrição da liberdade (Leite e Souza, 2019; Assis e Meurer, 2020).

No estudo de Assis e Meurer (2020), foram observados sintomas de depressão pós-parto em 60% das vítimas de violência obstétrica, desencadeada por sentimentos de ansiedade, medo e humilhação durante a gestação e o parto. Vargas e Salcher (2023) exploram a temática evidenciando a dificuldade de relacionamento e cuidados maternos ocasionados pela depressão pós-parto. As mulheres com este quadro psicológico enfrentam dificuldade em manter um relacionamento saudável com o recém-nascido e familiares, deixando até mesmo a autoestima de lado. Além dos relatos sobre o sentimento de impotência por não conseguir criar laços afetivos com o próprio filho (Vargas e Salcher, 2022).

A sensação de medo, humilhação e descaso gerado em vítimas de violência obstétrica pode criar barreiras emocionais para buscar cuidados de saúde no futuro. Matos, Magalhães e Féres-Carneiro (2021) evidenciaram, através dos relatos de mulheres vítimas desse tipo de violência, a negligência com a própria saúde, após eventos traumáticos, deixando de recorrer à assistência médica devido ao medo de reviver experiências traumáticas, podendo levar a complicações de saúde não tratadas e com risco de agravamento da saúde física e emocional.

3.3 CONSEQUÊNCIAS FÍSICAS DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Os procedimentos realizados durante o parto, como a episiotomia, manobra de Kristeller e punção venosa fazem parte da rotina de hospitais e clínicas. Bezerra et al. (2021) entrevistaram 11 mulheres que expuseram dores ocasionadas por diferentes procedimentos desnecessários. Neste estudo foi relatada dor durante a administração de soro fisiológico, sem a informação sobre a presença de medicação. A mulher deste relato descreve que após a administração do “soro” por três vezes, foi observada a mão roxa e inchada. Neste mesmo estudo, outras mulheres reclamam sobre

episiotomia associada a agressão verbal e psicológica e sobre a realização da manobra de Kristeller por um “rapaz com o braço engessado”.

As lesões físicas estão associadas a traumas obstétricos, impacto na amamentação e intervenções ocasionais ou inconvenientes durante o parto (Leite et al., 2022; Andrade et al., 2016; Murena et al., 2023). Os relatos de mulheres que foram submetidas a episiotomia incluem cicatrizes, infecções, dores crônicas e complicações de longo prazo. Complicações de necessidades fisiológicas também foram relatadas. No estudo de Murena et al. (2023), a comparação entre os relatos de mulheres que passaram por episiotomia reflete a dificuldade de recuperação no pós-parto, na qual mulheres que não passaram pelo procedimento. Através das informações passadas sobre a episiotomia as mulheres podem decidir sobre o procedimento.

Outras complicações físicas podem ser observadas em procedimentos inadequados, como por exemplo a manobra de Kristeller, entretanto poucos são os estudos sobre a técnica (Santiago et al., 2022). Esta manobra pode levar a aplicação de um alto número de partos distócicos por ventosas, levando a falta de ventilação do bebê, para reduzir as consequências pode ser adotada a episiotomia, aumentando os índices da realização da técnica e lacerações de períneo (Andrade et al., 2016). É importante a conscientização dos profissionais de saúde quanto a sua prática, pois a força que exercem sobre a barriga da mulher não é medida e não tem evidências suficientes que mostrem os riscos materno-fetais relacionados a esse procedimento (Santiago et al., 2022).

A longo prazo, a violência obstétrica pode afetar a saúde reprodutiva da mulher. Complicações no parto, como resultantes da violência obstétrica, podem impactar a capacidade de futuras gestações saudáveis e partos seguros.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas produções científicas foi possível observar as diversas consequências relacionadas à violência obstétrica. Seja do tipo física ou emocional, as mulheres vítimas dessa violência apresentam o sentimento de insegurança, ansiedade, medo e desconfiança em relação ao atendimento de saúde.

Observando-se que os profissionais de saúde efetuam atos de violência obstétrica, deve haver a busca pelo atendimento justo e humanizado. Cabe a instituição de saúde e aos outros profissionais de trabalho realizar a reeducação de profissionais que ainda atuam de forma obsoleta, buscando a rapidez do parto e deixando o respeito à gestante de lado. Para além, estes profissionais que insistem em adotar intervenções desnecessárias e prejudiciais à saúde da mulher e do bebê devem ser punidos legalmente e afastados de seus cargos para que mais traumas não sejam gerados.

Outro caminho a ser adotado para evitar a violência obstétrica e suas consequências na vida da mulher é a produção de conhecimento para as gestantes e os seus acompanhantes. Através da produção de cartilhas, panfletos, palestras e seminários realizados por profissionais de saúde conceituando a violência obstétrica, informando os direitos e deveres da gestante e quais são os métodos de intervenção e procedimentos de rotina, permitem a identificação prévia ou a interrupção de atos prejudiciais à saúde. Dessa forma, as mulheres e seus acompanhantes poderão reagir ao perceber que seus direitos estão sendo desrespeitados.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, P. O. N.; SILVA, J. Q. P.; DINIZ, C. M. M.; CAMINHA, M. F.. Fatores associados à violência obstétrica na assistência ao parto vaginal em uma maternidade de alta complexidade em Recife, Pernambuco. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 16, n. 1, p. 29-37, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93042016000100004>. Acesso em: 05 dez. 2023
- ASSIS, K. G.; MEURER, F. Repercussões emocionais em mulheres que sofreram violência obstétrica. **Psicologia Argumento**, v. 39, n. 103, p. 135-29, 2020. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.39.103.ao07>. Acesso em: 05 de dez de 2023
- BELEZA, A. C. S. et al. Mensuração e caracterização da dor após episiotomia e sua relação com a limitação de atividades. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 65, n. 2, p. 264-268, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-71672012000200010>. Acesso em: 12 de nov de 2023
- BEZERRA, E. O.; BASTOS, I. B.; BEZERRA, A. K. B.; MONTEIRO, P. V.; PEREIRA, M. L. D. Aspectos da violência obstétrica institucionalizada. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 6, p. 157-164, 2021. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3821/1069>. Acesso em: 12 de nov de 2023
- DALENOGARE, G.; VIEIRA, L. B.; MAFFACCIOLLI, R.; RIQUINHO, D. L.; COELHO, D. F. Pertencimentos sociais e vulnerabilidades em experiências de parto e gestação na prisão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 1, p. 263-272, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.33922020>. Acesso em: 05 dez 2023.
- DIAS, S. L.; PACHECO, A. O. Marcas do parto: as consequências psicológicas da violência obstétrica. **Revista Arquivos Científicos (Immes)**, v. 3, n. 1, p. 4-13, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/2595-4407/rac.immes.v3n1p4-13>. Acesso em: 25 de nov de 2023
- FREITAS, M. M. R. R. C.; ARAGÃO, J. C. S. A naturalização da violência obstétrica e as dificuldades do reconhecimento dos seus sinais. **Revista Práxis**, v. 13, n. 26, p. 15-22, 18 dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.47385/praxis.v13.n26.1742>. Acesso em: 12 de nov de 2023.
- GOMES, A. A. P.; GOMES, R. M.; SILVA, J. M.; VILELA, A. B. A.; MACHADO, J. C.; RODRIGUES, V. P. Abordagem da violência obstétrica na graduação em enfermagem: um estudo de representações sociais. **Contribuciones A Las Ciencias Sociales**, v. 16, n. 9, p. 18329-18343, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.55905/revconv.16n.9-267>. Acesso em: 30 de out de 2023.
- KATZ, L.; AMORIM, M. M.; GIORDANO, J. C.; BASTOS, M. H.; BRILHANTE, A. V. M. Who is afraid of obstetric violence? **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 20, n. 2, p. 623-626, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93042020000200017>. Acesso em: 12 de nov de 2023.
- KOPERECK, C. S.; MATOS, G. C.; SOARES, M. C.; ESCOBAL, A. P. L.; QUADRO, P. P.; CECAGNO, S. A violência obstétrica no contexto multinacional. **Revista de**

Enfermagem UFPE On Line, v. 12, n. 7, p. 2050-2060, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5205/1981-8963-v12i7a231399p2050-2060-2018>. Acesso em: 30 de nov de 2023.

LEAL, M. C.; PEREIRA, A. P. E.; DOMINGUES, R. M. S. M.; FILHA, M. M. T.; DIAS, M. A. B.; NAKAMURA-PEREIRA, M.; BASTOS, M. H.; GAMA, S. G. N. Intervenções obstétricas durante o trabalho de parto e parto em mulheres brasileiras de risco habitual. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 30, n. 1, p. 17-32, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00151513>. Acesso em: 30 de nov de 2023.

LEITE, T. H.; MARQUES, E. S.; ESTEVES-PEREIRA, A. P.; NUCCI, M. F.; PORTELLA, Y.; LEAL, M. C. Desrespeitos e abusos, maus tratos e violência obstétrica: um desafio para a epidemiologia e a saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 2, p. 483-491, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232022272.38592020>. Acesso em: 30 de nov de 2023.

LIMA, A. C. A.; ALBUQUERQUE, R. T. A violência moral obstétrica no processo gestacional, de parto e abortamento e o amparo da mulher no ordenamento jurídico brasileiro. **Revista Científica da Academia Brasileira de Direito Civil**, v. 3, n. 1, p. 1-16, 2019. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1832>. Acesso em: 30 de nov de 2023.

LUKASSE, M.; SCHROLL, A.; KARRO, H.; SCHEI, B.; STEINGRIMSDOTTIR, T.; VAN PARYS, A.; RYDING, E. L.; TABOR, A.. Prevalence of experienced abuse in healthcare and associated obstetric characteristics in six European countries. **Acta Obstetricia Et Gynecologica Scandinavica**, v. 94, n. 5, p. 508-517, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/aogs.12593>. Acesso em: 30 de nov de 2023.

MARQUES, G. M.; NASCIMENTO, D. Z.. Alternativas que contribuem para a redução da violência obstétrica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 12, p. 4743-4744, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320182412.236612019>. Acesso em: 12 de nov de 2023.

MARTINS, R. N.; VASCONCELOS, M. N. G.; CORREA, R. G.; PONTES, M. T. C. M. Análise das denúncias de violência obstétrica registradas no Ministério Público Federal do Amazonas, Brasil. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 30, n. 1, p. 68-76, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462x202230010245>. Acesso em: 05 de dez de 2023.

MATOS, M. G.; MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. Violência Obstétrica e Trauma no Parto: o relato das mães. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, p. 1-13, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003219616>. Acesso em: 05 de dez de 2023.

MEDEIROS, R. C. S.; NASCIMENTO, E. G. C. “Na hora de fazer não chorou”: a violência obstétrica e suas expressões. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 3, p. 1-12, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n371008>. Acesso em: 05 de dez de 2023.

MELO, K. A. S. R.; ALMEIDA, E. A.; PEIXOTO, V. S. Violência obstétrica: a percepção de acadêmicos de enfermagem de uma faculdade do sudoeste goiano.

Research, Society And Development, v. 11, n. 13, p. 1-12, 2 out. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i13.24449>. Acesso em: 05 de dez de 2023.

MELO, B. L. P. L.; MOREIRA, F. T. L. S.; ALENCAR, R. M.; MAGALHÃES, B. C.; CAVALCANTE, E. G. R.; MAIA, E. R.; ALBUQUERQUE, G. A. Violência obstétrica à luz da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural. **Revista Cuidarte**, p. 1-16, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.1536>. Acesso em: 05 dez 2023.

MURENA, A. O.; PEREIRA, A. N.; EVARISTO, G. L. O.; SANTOS, L. G.; BARBOSA, B. J. P.; COSSIA, T.; WERNET, M.; BOAS, A. S. C. V. A prática da episiotomia no Brasil. **Arquivos de Ciências da Saúde da Unipar**, v. 27, n. 9, p. 4865-4892, 2023. Universidade Paranaense. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25110/arqsaude.v27i9.2023-001>. Acesso em: 30 de out de 2023.

OLIVEIRA, V. J.; PENNA, C. M. M.. Discussing obstetric violence through the voices of women and health professionals. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 26, n. 2, p. 1-10, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017006500015>. Acesso em: 12 de nov de 2023.

OLIVEIRA, M. R. R.; ELIAS, E. A.; OLIVEIRA, S. R. Mulher e parto: significados da violência obstétrica e a abordagem de enfermagem. *Revista UFPE on-line*, pág. [1-8], 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/243996/35217>. Acesso em: 05 de dez de 2023.

PONTES, B. F.; QUITETE, J. B.; OLIVEIRA, D. M.; GOULART, M. C. L.; REGAZZI, I. C. R.; KNUPP, V. M. A. O.. Repercussões físicas e psicológicas na vida de mulheres que sofreram violência obstétrica. **Revista Científica de Enfermagem**, v. 11, n. 35, p. 443-450, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.24276/rrecien2021.11.35.443-450>. Acesso em: 05 dez 2023.

ROCHA, M. J.; GRISI, E. P.. Violência Obstétrica e suas Influências na Vida de Mulheres que Vivenciaram essa Realidade. **Revista de Psicologia**, v. 11, n. 38, p. 623-635, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14295/online.v11i38.931>. Acesso em: 12 de dez de 2023.

SANTIAGO, D. C.; SOUZA, W. K. S.; NASCIMENTO, R. F. Violência obstétrica: uma análise das consequências. **Revista Científica da Fasete**, v. 11, n. 13, p. 148-164, jul. 2022. Disponível em: <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/459>. Acesso em: 05 de dez de 2023.

SOUZA, A. J. M. .; TORRES, A. A. .; ARAÚJO, M. M. .; DIAS, F. I. C. de R.; MONTELO, E. S. .; NOGUEIRA, F. J. de S. Atenção primária à saúde e COVID-19: uma revisão integrativa. v. 14, n. 1, p. 45–52, 2020. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/313>. Acesso em 05 de dez de 2023.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R.. Integrative review: what is it? how to do it?. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>. Acesso em 05 de dez de 2023.

LEITE, I. M. S.; SOUZA, D. H. A. V. Violência obstétrica: o relato de uma dor. **Revista Interscientia**, v. 7, n. 1, p. 162-180, 2 jul. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26843/interscientia.v7i1.784>. Acesso em: 04 de dez de 2023.

TOBASÍA-HEGE, C.; PINART, M.; MADEIRA, S.; GUEDES, A.; REVEIZ, L.; VALDEZ-SANTIAGO, R.; PILEGGI, V.; ARENAS-MONREAL, L.; ROJAS-CARMONA, A.; PIÑA-POZAS, M. Irrespeto y maltrato durante el parto y el aborto en América Latina: revisión sistemática y metaanálisis. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 43, p. 1-14, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26633/rpsp.2019.36>. Acesso em: 04 de dez de 2023.

VARGAS, J. F.; SALCHER, F. G. Violência obstétrica no contexto da depressão pós-parto. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 1-9, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25248/reaenf.e12052.2023>. Acesso em: 04 de dez de 2023.